

Interpelações Fenomenológicas para a Pesquisa da Identidade na Perspectiva da Psicologia Social Crítica

José Alves de Souza Filho

Aluísio Ferreira de Lima

RESUMO

O presente ensaio tem por objetivo discutir as contribuições da fenomenologia para os estudos da identidade-metamorfose, sobretudo a partir da incorporação da discussão relacionada ao mundo da vida (*Lebenswelt*) na pesquisa sobre identidade-metamorfose. Trata-se, portanto, de um empreendimento teórico-epistemológico com vistas a identificar as intersecções entre os construtos identidade-metamorfose e mundo da vida, pertencentes respectivamente aos campos da Psicologia Social Crítica e da Teoria Crítica da sociedade. Metodologicamente, faz-se uma reconstrução das fontes fenomenológicas utilizadas por Jürgen Habermas e sua contribuição para a Psicologia Social Crítica. Isso permite que a discussão avance para a crítica das estratégias sistêmicas de fixações das identidades produzidas na sociedade contemporânea, que continuamente enquadram suas ações e projetos existenciais aos padrões e normas sociais que regulam as oportunidades de socialização. Em suma, são assinalados os caminhos de realização de uma crítica ao mundo da vida como forma de análise dos sentidos emancipatórios ou não das identidades-metamorfose.

Palavras-chave: Psicologia Social; Fenomenologia; Teoria Crítica; Identidade; Epistemologia.

ABSTRACT

Phenomenological Interpellations for Identity Research from the Perspective of Critical Social Psychology

This essay aims to discuss the contributions of phenomenology to the studies of identity-metamorphosis, especially from the incorporation of the discussion related to the world of life (*Lebenswelt*) in the research on identity-metamorphosis. This is, therefore, a theoretical-epistemological undertaking aimed at identifying the intersections between the identity-metamorphosis constructs and world of life, belonging respectively to the fields of Critical Social Psychology and Critical Theory of society. Methodologically, we reconstruct the phenomenological sources used by Jürgen Habermas and his contribution to Critical Social psychology. This allows the discussion to move towards a critique of the systemic strategies of fixations of the identities produced in contemporary society, which continually frame their actions and existential projects to the social standards and norms that regulate the opportunities for socialization. In short, the ways of conducting a critique of the World of Life as a way of analyzing the emancipatory meanings or not of the identities-metamorphosis.

Keywords: Social Psychology, Phenomenology, Critical Theory, Identity, Epistemology.

Sobre os autores

J. A. de S. F.
<http://orcid.org/0000-0001-8059-9196>
Universidade Federal do Pará
Belém – Pará
josefilhoss@gmail.com

A. F. de L.
<http://orcid.org/0000-0001-9747-4701>
Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - Ceará
aluisiolima@hotmail.com

Direitos Autorais

Este é um artigo de acesso aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



INTRODUÇÃO

Na Psicologia Social brasileira, especificamente na perspectiva filiada ao movimento de renovação epistemológica e metodológica de crítica social inaugurado por Sílvia Lane, é possível localizar uma perspectiva de compreensão e análise das metamorfoses das identidades que considera os atravessamentos histórico-culturais de uma sociedade administrada pelo capitalismo (Lima et al., 2009). Essa perspectiva, que foi inicialmente apresentada por Antonio da Costa Ciampa como resposta de uma categoria analítica no trabalho “A estória de Severino e a História de Severina” (Ciampa, 1987) e ao longo dos anos passou a ser compreendida como um sintagma (identidade-metamorfose-emancipação), desdobrou-se em uma proposta teórico-metodológica interessada na discussão sobre as condições de existência e resistência na sociedade capitalista contemporânea (Lima, 2012).

Desde os primeiros escritos de Ciampa (1987), a pesquisa da identidade estabelece nexos com a Teoria Crítica da Sociedade de Jürgen Habermas, permitindo que esse autor conseguisse articular a ideia de metamorfose de si com as condições histórico-sociais e a economia. Signatário da tradição frankfurtina, o projeto de busca pela emancipação humana, Habermas analisa a estrutura e a dinâmica da sociedade capitalista que encontra na razão instrumental, voltada especificamente para os fins, as condições para formas de sociabilidade pautadas na utilidade e na eficiência necessárias para as novas formas de administração social por formas de alienação/reificação das subjetividades, a saber: consumismo, indústria cultural, conservadorismo e violência (Habermas, 2016). Em busca de apresentar uma alternativa crítica a esse diagnóstico, o autor delinea a construção de uma teoria capaz de assinalar uma outra forma de Razão, pela qual concebe-se que toda forma de conhecimento se constitui na linguagem enquanto forma fundamental da ação humana dialógica: uma Razão comunicativa como paradigma inteligível para construção de novas formas de sociabilidade, mediante ação colaborativa dos indivíduos (Habermas, 2012).

Nos últimos anos, articuladas com a perspectiva habermasiana, outras colaborações de dentro e fora da Psicologia, para além de uma orientação marxista, trouxeram novas implicações aos elementos teóricos e/ou epistemológicos do sintagma proposto por Ciampa (1987), tais como o feminismo, as artes e a psicanálise, que viabilizam diferentes formas de compreensão/discussões das transformações/reprodução de identidades dentro e/ou fora dos interesses do capitalismo contemporâneo (Lima, 2018). Singularmente, para o presente trabalho, interessa-nos os trabalhos preocupados por apresentar interlocuções com o sintagma Identidade-metamorfose-emancipação, em especial, da fenomenologia, mediante a reconstrução dos nexos epistemológicos já empreendidos por

Habermas e sua apropriação dos discursos sobre o mundo da vida (*Lebenswelt*) (Souza Filho & Santos, 2017).

O interesse pelas contribuições fenomenológicas para o estudo da identidade-metamorfose no mundo da vida permite empreender uma crítica analítica dos processos de construção/manutenção de sentidos/significados das metamorfoses, assim como das permanências/transformações das experiências dos indivíduos na vida cotidiana. Nesse empreendimento, as intersecções entre identidade e mundo da vida, ou melhor, entre os trabalhos sobre a metamorfose humana e o *Lebenswelt*, aparecem como uma articulação estratégica para uma Psicologia Social Crítica interessada na análise dos sentidos de lutas e condições de sobrevivência de diferentes indivíduos, ao longo de suas histórias de vida, frente ao sistema de administração social capitalista (Lima & Ciampa, 2012). Assim, com o presente estudo teórico, que procura apresentar as contribuições fenomenológicas para os estudos do sintagma identidade-metamorfose-emancipação, ensaiamos uma análise dos processos históricos e sociais mundanos, materializados nos sentidos e significados cotidianos, enquanto produções da pragmática humana no mundo da vida, especialmente atravessado pelas determinações sistêmicas do capitalismo. Pretendemos contribuir com a discussão acerca das possíveis implicações da Fenomenologia para a análise crítica das metamorfoses nos trabalhos analíticos da identidade.

SOBRE A PROPOSIÇÃO IDENTIDADE-METAMORFOSE

A questão da identidade, no campo da Psicologia Social brasileira, tem sido discutida de um ponto de vista crítico desde meados dos anos de 1980. Entretanto, quando tratamos de anunciar que estaremos realizando um trabalho que envolva a identidade, é imprescindível iniciar com um alerta ou ponderação para não sermos de antemão julgados e, quiçá, sequer lidos pelo receio de estarmos próximos às concepções psicologizantes, personalistas e/ou internalistas, que desde a década de 1970 predominam nas perspectivas de Psicologia Social *mainstream* (Gonçalves Neto, 2015).

Nesse estudo teórico, a perspectiva que adotamos para a discussão da identidade está relacionada com a compreensão de que esta deve ser discutida como um fenômeno/processo psicossocial, historicamente atravessado por questões materiais e históricas. A identidade aparece como uma articulação narrativa, a partir da qual enunciamos quem nós somos, de modo a dar conta do mundo social em que nos encontramos, pelos referenciais/recursos adquiridos ao longo das experiências singulares constituintes de nossa vida. A identidade, enquanto momento, é temporal dentro de uma história, pois é a síntese contingente da relação indivíduo-sociedade, ela é metamorfose (Ciampa, 1987).

A identidade, compreendida como metamorfose, é a atividade humana passível de ser apreendida a partir da narração da história de vida de um indivíduo em suas “condições históricas, sociais, materiais, dadas, aí incluídas condições do próprio indivíduo” (Ciampa, 1987, p. 25). Em outras palavras, ao falarmos de identidade, seja na enunciação de si e/ou pela interpelação do Outro, especialmente nos casos de pesquisa, tratamos de momentos/posições de um indivíduo dentro de sua história de vida (Lima & Ciampa, 2012). Ao narrar sobre si, cada pessoa, em cada momento e espaço social que ocupa, apresenta personagens que servem de representação/atuação frente às expectativas de reconhecimento do Outro. Isso ocorre, inclusive, nas ocasiões onde os pressupostos e pressuposições sociais são formas de reconhecimento que parte da homogeneização/reificação/alienação que podem negar as singularidades subjetivas que modelam cada história de vida. Não por acaso, Lima (2014) assinalou como uma das potencialidades da análise de narrativas enquanto estratégia metodológica crítica que permite, a partir da compreensão do jogo dialético entre as personagens, um aprofundamento qualitativo na compreensão das experiências autobiográficas, pois, no caso de Severina (Ciampa, 1987), ao invés de atentar e/ou repor de forma descritiva as concepções/significados tradicionais dos papéis de nordestina, mulher e louca, comum a tantas pessoas, Ciampa (1987) conseguiu discutir o drama da vida da Severina-escrava, Severina-mãe e Severina-doente-mental.

Desta forma, se nas perspectivas tradicionais e psicológicas de psicologia social delimita-se identidade por traços, fatores e construtos intrapsicológicos, na proposta de pesquisa e análise da identidade inaugurada por Ciampa (1987), expressa no sintagma identidade-metamorfose-emancipação, ela é sempre social e melhor expressa na dialética indivíduo-sociedade, na concretização ou não das condições de possibilidade resultantes das negociações entre diferentes indivíduos e instituições sociais. Conforme o próprio autor assinala:

queremos apenas apontar o fato de que uma identidade nos aparece como a articulação de várias personagens, articulação de igualdades e diferenças, constituindo – e constituídas por – uma história pessoal. Identidade é história. Isso nos permite afirmar que não há personagens fora de uma história, assim como não há história (ao menos na história humana) sem personagens. Como é óbvio, as personagens são vividas pelos atores que as encarnam e que se transformam à medida que vivem suas personagens. (Ciampa, 1987, p. 163)

As representações materiais e espaciais das metamorfoses, enquanto personagens que encarnam, são transformadas e se transformam, pertencentes às narrativas de diferentes indivíduos, permitem a análise crítica das condições de vida humana, principalmente por evidenciarem suas (im)possibilidades de existência e oportunidades de (sobre)vivência no

mundo (Souza Filho, 2017). Quando Ciampa considera que “identidade é metamorfose [e] metamorfose é vida” (Ciampa, 1987, p. 133), coloca-se em questão o quanto a produção da vida humana está intimamente atravessada pelos interesses de uma sociedade capitalista que, ao (re)produzir sua ordem social, delimita quais serão ou não os tipos de formas de vida em/da sociedade. Nesse último caso, analisar e discutir a identidade como metamorfose implica em considerar as condições sociais de (sobre)vivência humana, enquanto sistemas políticos e relações éticas, como pressupostos intersubjetivos que comportam as identidades.

Especificamente, significa considerar que a metamorfose é uma condição básica, subjetiva e objetiva de nossa existência, que é submetida às condições materiais da sociedade. Aquilo que é reconhecido como identidade pela sociedade, em geral a identidade pressuposta, sempre materializa a luta pelo reconhecimento de uma personagem, entre as várias, que uma pessoa busca por reconhecimento ou por libertação. Não por acaso, a identidade, na perspectiva de Ciampa (1987), é sempre metamorfose em busca de emancipação. Sendo que essa emancipação aparece como tentativa de superação da mesmice, da reprodução de personagens heterodeterminadas e nos projetos de autonomia, enquanto resistência às formas de alienação ou cooptação do capitalismo, ganhando concretude por projetos de vida tanto conscientes das condições positivas e negativas de vida do mundo, tomando-as como materialidade, como construção de (rel)ações inter-humanas (Almeida, 2017). Obviamente, também existe a possibilidade de que a metamorfose possa ganhar contornos que criam uma aparência de estagnação, cristalização e interrupção, principalmente quando a autonomia humana é sufocada pela heteronomia das relações de poder sistêmico. Isso ocorre, sobretudo, quando a criação de novas personagens no processo de metamorfose cede lugar para reposição de determinadas personagens, que podem aprisionar os indivíduos a aparência de não-metamorfose e torná-lo objeto nas reproduções sistêmicas (Almeida, 2005).

Inevitavelmente, trata-se de pensar as esferas de sociabilidade humana por/sobre onde os indivíduos constroem suas trajetórias dotando de significados suas histórias na medida em que são reconhecidas por seus pares e sistemas sociais (Almeida, 2005). Para realizar essa discussão, que envolve questões relacionadas à intersubjetividade, Ciampa (1987) recorre à teoria social do mundo da vida de Habermas, considerando que este último oferece contribuições fenomenológicas importantes para a discussão das esferas de sociabilidade das identidades, como o conjunto do mundo da vida cotidiana de suas existências, pragmaticamente (re)produzido segundo os interesses dos sistemas de administração socioeconômicos do capitalismo contemporânea (Almeida, 2017; Lima, 2015).

Na articulação das narrativas de histórias de vida, enquanto expressão da materialidade da identidade, reconhecemos o

cotidiano dos indivíduos integrantes de um mundo vivido, onde cada experiência está modulada pela articulação de papéis sociais, instituições, tradições, posições e expectativas culturais, as quais, com maior ou menor grau, estão sintonizadas com interesses da sociedade capitalista em que vivemos (Souza Filho, 2017). Enquanto pano de fundo sociocultural (*background*), “o Mundo da Vida é a grande estrutura social e cultural que subsidia todo esse processo de transformação. Nele, os indivíduos operam sua historicidade nos desafios dos processos de socialização da vida, pelos quais nos tornamos humanos” (Souza Filho, 2017, p. 25).

DELIMITAÇÕES CRÍTICAS SOBRE O MUNDO DA VIDA

Para o sintagma identidade-metamorfose-emancipação, o mundo da vida aparece como uma plataforma existencial pela qual as identidades ora (inter)agem mutuamente e com a diversidade de objetivos/produções culturais de seus espaços sociais, ora significam suas vidas pelos sentidos/significados compartilhados/trocados nas (re)ações estabelecidas. Especificamente, trata-se da instância de significação da vida humana no mundo, no qual as identidades reconstróem suas histórias e o próprio meio social reportando-se ao acervo de conhecimentos, artefatos e costumes dentro da cultura. Como um acervo de conhecimentos práticos e significativos, o mundo da vida estrutura-se como um mundo de produções históricas, materializáveis pelas ações humanas (re)produtoras dos sentidos/significados que viabilizam posicionar as identidades no mundo (Souza Filho et al., 2019).

Por uma leitura pragmática, o pensamento habermasiano constrói a teoria social do mundo da vida, enquanto um arcabouço complementar à sua Teoria da Ação comunicativa. Segundo Habermas (2012), todos os processos linguísticos constituem-se enquanto ações/pragmáticas humanas que tanto viabilizam as regras e jogos das interações sociais quando compartilham as significações ético-morais das condições dos interesses de (re)produção das sociabilidades humanas. Trata-se de uma fonte de sentido, um “reservatório de auto evidências e de convicções inabaláveis, do qual os participantes da comunicação laçam mão quando se encontram em processos cooperativos de interpretação” (Habermas, 2012, p. 227), pelos quais os indivíduos constroem seus entendimentos/aprendizagens sobre mundo. Por outro lado, Habermas (1990) sinaliza o mundo da vida como a alternativa crítica, tanto teórica quando histórico-social, para construções de projetos de vida alternativos, particulares e comunitários, frente aos diferentes processos sistêmicos de cooptação do capitalismo contemporâneo. Enquanto reservatório de significação, o mundo da vida surge como instâncias de novos possíveis, a partir do qual possa-se (re)construir as alternativas às homogeneizações sistêmicas. Trata-se de um mundo dinâmico de

criações onde “as novas situações que emergem na dimensão semântica podem ser conectadas aos estados de mundo existentes, pois o mundo da vida garante a continuidade da tradição e a coerência do saber, suficiente para respectiva prática cotidiana” (Habermas, 2012, p. 257).

Sobre a condição de (novo) horizonte histórico, Habermas (2012) apropria-se das reflexões da crise das ciências e da humanidade europeia que Edmund Husserl desenvolveu na sua fenomenologia transcendental, pela qual introduz o mundo da vida como novo tema/problema filosófico, dentro e fora da filosofia: encontramos um diagnóstico histórico sobre o esvaziamento da significação humana intersubjetivamente vinculada. Husserl (2012) denuncia o quanto a humanidade esqueceu-se do mundo da vida, das experiências, tradições valores e sentidos, para embriagar-se com um mundo técnico-científico, da previsibilidade do cálculo naturalizante. Entretanto, o mundo da vida enlaça intersubjetivamente as

multiplicidades de todos os eus-sujeitos (e não porventura cada um meramente por meio das suas multiplicidades individualmente próprias), está orientado para o mundo comum e para as suas coisas, como campo de todas as atividades etc ligadas no nós geral (Husserl, 2012, p. 141)

Trata-se, portanto, dos laços de (inter)subjetividade, fundamentos da humanidade pelos quais constituímos nossas experiências, pelas quais as objetividades sociais ganham sentido (Husserl, 2012). Todavia, Habermas (2012) não deixa de apontar as limitações da invenção de Husserl (2012), especialmente pelo quanto a Fenomenologia seria a última grande tentativa de uma teoria do conhecimento do indivíduo/sujeito. Segundo Habermas (1990), o interesse transcendental da teoria husserliana pelas essências fenomenológicas, como os objetos de conhecimento autêntico, reproduz a tradição moderna de creditar à experiência humana a verdadeira fonte das verdades gnosiológicas.

Para se afastar do transcendentalismo/idealismo husserliano, Habermas (2012) encontra na Sociologia Compreensiva uma pragmática do mundo da vida, pela qual a subjetividade resulta das ações humanas (re)produtoras de cultura(s) e sociedade(s). Para Schutz, as análises fenomenológicas do mundo da vida compreende-o como o celeiro da (inter)subjetividade materializado pelos jogos sociais das relações humanas, de onde “pertence nosso conhecimento de que o mundo no qual vivemos é um mundo composto por objetos bem delimitados com qualidades definidas, objeto aos quais nos movemos, que resistem a nós, e sobre os quais podemos agir” (Schutz, 2012, p. 84).

O mundo de nossa vida cotidiana, transformável e transmissível comunicativamente pelos sentidos/significados que (re)construímos. Por outro lado, interessa-nos o quanto nossas experiências no mundo da vida cotidiana convertem-se

numa realidade social, controladas por instituições e sistemas sociais. Berger e Luckmann (2009) as delimitaram teoricamente enquanto biografia, consciência, papéis e identidade são construídas nas cotidianidades dos jogos sócio institucionais que participamos. “Apreendo a realidade da vida diária como uma realidade ordenada. Seus fenômenos acham-se previamente dispostos em padrões que parecem ser independentes da apreensão que deles tenho e que se impõem à minha apreensão” (p. 38). Onde a experiência humana é contingência das relações sociais que permeiam o mundo da vida cotidiana, a partir do qual encontramos (in)viabilidades de suas transformações.

O mundo da vida figura uma permanente instância da significação humana, enquanto fonte significativa da subjetividade humana, mas como celeiro cultural para as interações com o mundo (Stein, 2012). Como circunstâncias das condições humanas, a construção do mundo da vida se dá na cotidianidade de nossa história, na qual materializam-se as pragmáticas das criações humanas e, concomitantemente, sujeitam-se e relativizam-se os interesses do mundo social (Schutz, 2012; Berger & Luckmann, 2009).

Mobilizado pelas plataformas semânticas de sentidos/significados, socialmente corporificado, o mundo da vida configura-se como território existência das metamorfoses da identidade reconstruindo a pragmática humana (Lima & Ciampa, 2012). Sobretudo, quando nossas individualidades coexistem com uma humanidade, ambas se encontram modeladas pelas condições de vida do mundo, a saber, um mundo capitalista dotando de sistemas/instituições mobilizadas pelos valores da utilidade e eficiência humana da razão instrumental (Lima, 2010). “A tarefa da pesquisa da identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica consiste precisamente em conceituar e avaliar as condições e alternativas subjetivas e concretas frente ao que está empiricamente dado” (Lima, 2012, p.226).

IDENTIDADE E RACIONALIZAÇÃO DO MUNDO DA VIDA

Trabalhar com a questão da identidade como metamorfose significa compreendê-la como uma materialidade que se expressa a partir de apropriações linguísticas reproduzíveis num sistema social. Quando adotamos papéis sociais, reproduzimos *scripts* e condutas de socialização pelas quais garantimos nossa integração social, especialmente o que se espera de um humano. Por isso, quando falamos de identidade, personagens e papéis como (auto)conceituação, atuação e expectativa social, respectivamente, referimo-nos ao sistema de tipificação social, enquanto processo de naturalização/conceituação:

um quadro de referência em termos do qual não apenas o mundo sociocultural, mas também o mundo físico é inter-

pretado, um quadro que, a despeito de suas inconsistências e de suas opacidades inerentes, é suficientemente articulado e transparente para ser usado na resolução da maior parte dos problemas práticos (Schutz, 2012, pp.132-133).

Especificamente, pelas tipificações, quando os sentidos se tornam significados e processos convertem-se em condutas, as identidades integram-se pelos processos de socialização humana. Para Berger e Luckmann (2009), na adoção das identidades, reproduzimos um conjunto de conhecimentos já legitimados pelos nossos pares que tanto introduzem os indivíduos nas relações inter-humanas, quanto os isentam do árduo trabalho de invenção de ferramentas simbólicas e materiais. “A identidade é então consideravelmente delimitada, no sentido de representar plenamente a realidade objetiva na qual está localizada” (Berger & Luckmann, 2009, p. 210), materializada por suas narrativas autobiográficas, contextualizadas no mundo da vida cotidiana.

Nesse sentido, no que se refere às narrativas de história de vida, devemos levar em consideração o quanto as condições pragmáticas e semânticas da linguagem são importantes para uma crítica da naturalização da identidade para/com o mundo da vida cotidiana. A condição narrativa da identidade refere-se às performatividades das (rel)ações sociais humanas, quando “faço referência a mim enquanto ser no mundo (função cognitiva ou dêitica da linguagem) e ao mesmo tempo me constituo, me represento, me faço enquanto que sou (função performativa da linguagem)” (Lima, 2015, p. 126). Essa dupla função linguística assegura a objetividade do Eu, quando (re)apresentamos nossas (rel)ações com o mundo, para o qual construímos nossos projetos, bem como somos limitados por suas condições.

Em outras palavras, a identidade pessoal é aquilo que o indivíduo diz/faz de si mesmo, dizer/fazer que se inter-relaciona ao que os outros dizem/fazem de/com esse indivíduo. Em suma, por esse ponto de vista, devemos reafirmar a ideia que a identidade (mesmo pessoal) desde sempre é social (Lima, 2015, p. 129).

Na linguagem, assim, estão as condições de existência de nosso cotidiano pelas quais as posições sociais dos indivíduos enunciam suas experiências articulando suas vicissitudes com o mundo social (Schutz, 2012). As narrativas de um indivíduo enunciam a pragmática da (con)textualidade da vida, enquanto síntese da interação indivíduo-mundo, nas (im)possibilidades de transformação pela atividade humana, quando circunscrevem quais os processos (inter)subjetivos (i) legítimos de (sobre)vivência no mundo. Dentro dos aspectos pragmático-semânticos da linguagem, devemos considerar por quais processos de inteligibilidade do mundo da vida as identidades são (re)conhecíveis. Ao (re)conhecermos identidades estamos naturalizando-as frente aos interesses específi-

cos, que sistemicamente controlam o mundo da vida. Quando Habermas desenvolve sua teoria social, divide o mundo da vida em três estruturas de reprodução simbólica, ligando novas situações aos laços de solidariedade existentes, “seja na dimensão semântica dos significados e dos conteúdos (da tradição cultural), seja nas dimensões de espaço social (de grupos socialmente integrados), seja no tempo histórico (das gerações que se sucedem)” (Habermas, 2012, p. 252). As estruturas, a saber, são: a cultural como reserva/estoque de saberes e interpretações para momentos de construção de entendimentos sobre o mundo; a sociedade como sistemas, instituições e grupos que criam ordem, regras e normas para regular as formas de pertencimento e solidariedade dos grupos; a personalidade como referencial de enunciação e fala de si, enquanto identidade, passível de reconhecimento social por nossas interações nas esferas sociais.

Sobre os conhecimentos/entendimentos sociais, especialmente no que concerne às identidades, na naturalização da experiência da vida pela linguagem, Habermas considera como problemáticos os efeitos da racionalização que, ao focar os potenciais comunicativos e dialógicos das (rel)ações humanas, “deformam as estruturas simbólicas do mundo da vida, submetendo-as aos imperativos de subsistemas que se diferenciam e se autonomizam por meio do dinheiro e do poder, o que equivale a uma reificação” (Habermas, 2012, p. 513). Especialmente, entre a cultura e a personalidade, os sistemas, instituições e organismos da Sociedade impõem a utilidade e a eficiência com valores, controle e administração nas (rel)ações humanas e culturais, o que Habermas (1990) conceitua como a colonização do mundo da vida.

Pois no instante em que os imperativos dos subsistemas autonomizados conseguem levantar seu véu ideológico eles se infiltram no mundo da vida a partir de fora – como senhores coloniais que se introduzem numa sociedade tribal –, impondo a assimilação; ademais, as perspectivas difusas da cultura autóctone não se deixam coordenar num ponto que permita entender, a partir da periferia, o jogo desenvolvido pelas metrópoles e pelo mercado mundial (Habermas, 2012, p. 639).

Se Schutz (2012) e Berger e Luckmann (2009) analisam os sistemas sociais como partes da totalidade do mundo da vida, em Habermas (2012) temos uma inversão: as organizações, instituições e sistemas sociais trabalham por controlar e administrar o mundo da vida, instrumentalizando as (rel)ações humanas à custa da capitalização dos recursos materiais e simbólicos da cultura e das personalidades, qual valores sociais e pessoais tornam-se objeto de venda e consumo, como a liberdade, criatividade e empatia. Sobretudo pela racionalização unilateral da linguagem, interessada para os fins econômicos do capitalismo, que a

substituem por uma generalização simbólica de prejuízo e compensações, o contexto do mundo da vida em que os processos de entendimento sempre estão inseridos é desvalorizado e submetido a interações controladas por meios [especialmente, o dinheiro e o poder] (Habermas, 2012, p. 509).

Nesse contexto de seletividade do mundo da vida, as identidades participam dos processos de controle da vida humana de interesse dos sistemas sociais. Quando a possibilidade de comunicação e linguagem do mundo são instrumentalizadas, a polissemia da vida humana encontra-se passível de uma positividade reducionista, utilitarista e funcionalista para os processos sistêmicos, à custa da negação da alteridade, autonomia e dialogicidade. Em termos psicossociais, as questões de identidade ganham contornos nos problemas relativos às formas de reconhecimento que indivíduos passam ao longo de suas histórias de vida, que podem tanto oferecer condições de emancipação, como podem corroborar com a administração das vidas,

uma vez que nas narrativas poderemos observar que essa colonização instrumental se dará durante o processo de socialização e individualização das identidades e, como o próprio Habermas reconhece, depende de condições de reconhecimento (perverso) recíproco (Lima, 2010, p. 238).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, é importante dizer que imaginamos que as breves páginas apresentadas, embora não tenham esgotado, conseguem dar conta de nosso objetivo, qual seja: discutir as contribuições da fenomenologia para os estudos da identidade-metamorfose, sobretudo a partir da incorporação da discussão relacionada ao mundo da vida (*Lebenswelt*) na pesquisa sobre identidade-metamorfose. Conforme assinalamos no texto, nossas individualidades coexistem com uma humanidade e encontram-se modeladas pelas condições de vida no mundo, a saber, um mundo capitalista que opera a partir da mobilização de instituições que reproduzem valores da utilidade e eficiência alicerçadas em uma razão instrumental (Lima, 2010).

Nesse contexto, o diagnóstico fenomenológico habermasiano sobre as estruturas sociais da modernidade, enquanto condições de (sobre)vivência e (sub)existência, parece-nos profícuo para o aprofundamento das análises iniciadas por Ciampa (1987), principalmente se considerarmos que as formas de produção racional humana, como as Ciências e suas variantes tecnológicas “voltam suas produções para atender objetivos que imperam nas organizações sociais motivadas pelo espírito capitalista moderno: acumulação econômica e/ou maior poder de influência (Souza Filho, 2017, p. 131). Os

problemas da construção de formas de vidas/viver na esfera pública e privada¹, enquanto expressões da colonização do mundo da vida, são observáveis na homogeneização dos desejos, sentimentos, sonhos e comportamentos humanos, principalmente quando os indivíduos estão inseridos no mercado pelo consumismo, a partir de várias estratégias de cooptação de nossas existências, como consumismo, exibicionismo da intimidade (Lima, 2007).

Os indivíduos presos às fixações das identidades produzidas pelos sistemas sociais continuamente ajustam suas ações e projetos existenciais aos padrões e normas sociais que regulam as oportunidades de socialização. De maneira mais intensa, as identidades reproduzem os padrões de normalização da vida humana, quando as condições de saúde/doença, por exemplo, procuram identificar o sucesso e as competências de nossas adaptações aos interesses sistêmicos de comportamentos e traços de personalidades convencionais (Habermas, 2012). Os reconhecimentos identitários, que deveriam proporcionar outras formas de representação de si e abrir espaço para a emancipação, em tempos de capitalismo pandêmico são atribuídos e/ou impostos valores, funções e utilidades, que reproduzem os jogos das (rel)ações sociais de modo muito particular, quando reconhecimentos perversos sabotam a autonomia de projetos de existência, produzindo heteronomias e expectativas seletivas aos indivíduos passíveis ou não do cuidado, da proteção e dos direitos (Lima, 2018).

A análise habermasiana do mundo da vida nos oferece como contribuição a ideia de que mesmo com a força das esferas de controle do sistema capitalista não podemos tomar a homogeneização da sociedade como a totalização da vida, especialmente quando consideramos que as ordens sistêmicas, mesmo intensas em sua própria tentativa de controle absoluto, não conseguem acompanhar as metamorfoses. No mundo da vida os indivíduos experimentam as estranhezas e crises individuais e sociais como sintomas daquilo que as normas, padrões e prescrições, que a lógica sistêmica tenta imprimir como ideal, não dão conta. Assim, mesmo que vislumbremos aparências de não-metamorfose em determinados contextos e ocasiões, o sentido da emancipação relacionado à metamorfose das identidades sempre oferecerá exemplos de personagens pós-convencionais em busca de reconhecimento.

Desse modo, mesmo com árduas tentativas de controle sistêmico, a complexidade do mundo da vida cria espaço para deveres outros que não são capturados pela racionalidade voltada para a objetividade de suas utilidades e eficiências. Se a emancipação humana tornou-se uma utopia quando os quadros de dominação encontram-se profundamente sedimenta-

dos nos próprios pressupostos morais da cultura, é importante considerar que quando as formas convencionais de reconhecimento falham nas tentativas de administração das identidades, emergem novas possibilidades do mundo da vida que “mobilizam as estabilidades do instituído, especialmente por viabilizar a desnaturalização das formas de conhecer o mundo e de significar as relações interpessoais com o mundo” (Souza Filho, 2017, p. 137).

Enfim, não poderíamos encerrar o manuscrito sem assinalar a necessidade de outros estudos e pesquisas nessa direção. Esperamos, aliás, que o presente artigo possa inspirar novas produções. De nossa parte, afirmamos que têm sido constantes e, certamente, novas contribuições serão apresentadas em futuro próximo. As contribuições oferecidas pela fenomenologia para o sintagma identidade-metamorfose-emancipação, sobretudo a partir da incorporação da acepção de mundo da vida, são a possibilidade de considerar a pesquisa como um empreendimento que deve tornar visível o território de existência das lutas e dramas das (sobre)vivência e (r)ex(s)istência humana nas lutas por uma vida boa que vale a pena ser vivida, mesmo que nos entremeios de exploração, violência e alienação (Lima, 2010). Em outras palavras, a pesquisa da identidade, que considera o mundo da vida como pano de fundo de sua reflexão, pode oferecer o vislumbre de formas de vida que buscam pela (r)ex(s)istência, onde “cada fragmento de emancipação torna-se uma ferramenta, simbólica ou material, para as lutas e as transformações políticas, no cotidiano de cada indivíduo” (Souza Filho, 2017, p.137).

DECLARAÇÃO DE FINANCIAMENTO

A pesquisa relatada no manuscrito foi financiada parcialmente pela bolsa de doutorado do primeiro autor (CAPES – DS); pela bolsa de produtividade em pesquisa do segundo autor (CNPq, Processo: 314100/2018-0).

¹ Pela amplitude das discussões da teoria crítica contemporânea sobre Formas de Vida na esfera pública/privada, sugerimos ao leitor consultar as recentes publicações Allen (2018) e Fraser & Jaeggi (2020).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allen, A. (2018). "O Fim do Progresso". *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, 2(ed. Especial), 14-42.
- Almeida, J. A. M. (2005). *Sobre a anamorfose: identidade e emancipação na velhice* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://tede.pucsp.br/handle/handle/17083#preview-link0>
- Almeida, J. A. M. (2017). Identidade e emancipação. *Psicologia & Sociedade*, 29 (e170998), 1-7. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29170998>
- Berger, P., & Luckmann, T. (2009). *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Vozes.
- Ciampa, A. C. (1987). *A estória do Severino e a História da Severina*. Brasiliense.
- Fraser, N., & Jaeggi, R. (2020). *Capitalismo em debate: uma conversa na teoria crítica*. Boitempo.
- Gonçalves Neto, J. U. (2015). *As identidades da "identidade": sobre os diferentes usos e significados do conceito "identidade" na Psicologia Social* [Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará]. <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/11169>
- Habermas, J. (1990). *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos* (2. ed.). Tempo Brasileiro.
- Habermas, J. (2012). *Teoria do agir comunicativo, Vol. 2: sobre a crítica da razão funcionalista*. Editora WMF Martins Fontes.
- Habermas, J. (2016). *Para a reconstrução do materialismo histórico*. Editora Unesp.
- Husserl, E. (2012). *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica: de acordo com o texto de Husserliana VI*. Forense Universitária.
- Lima, A. F. (2007). Para uma reconstrução dos conceitos de massa e identidade. *Revista Psicologia Política*, 7(14), 1-23. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2007000200003&lng=pt&tlng=pt.
- Lima, A. F. (2010). *Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso: a identidade na perspectiva da psicologia social crítica*. FAPESP.
- Lima, A. F. (2012). A identidade como "problema" de pesquisa. *Ecós*, 2(2), 215-219. <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/987>
- Lima, A. F. (2014). História oral e narrativas de história de vida: A vida dos outros como material de pesquisa. In: A. F. Lima, & N. Lara Júnior (Orgs), *Metodologias de pesquisa em psicologia social crítica* (pp. 13-34).: Sulina.
- Lima, A. F. (2015). *A Teoria Crítica de Jürgen Habermas: cinco ensaios sobre linguagem, identidade e Psicologia Social*. Sulina.
- Lima, A. F. (2018). Coisas frágeis: metamorfose, alteridades e reconhecimento na perspectiva da Psicologia Social Crítica. In: A. F. Lima, I. M. P. Germano, I. B. Sabóia, & J. C. Freire (Orgs), *Sujeito e Subjetividades Contemporâneas: estudos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC* (pp. 29-60). Edições UFC.
- Lima, A. F., & Ciampa, A. C. (2012). Metamorfose humana em busca de emancipação: A identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. In A. F. Lima (Org.), *Psicologia Social Crítica: Paradoxos do contemporâneo* (pp. 11-29). Sulina.
- Lima, A. F., Ciampa, A. C., & Almeida, J. A. M. (2009). Psicologia social como psicologia política? A proposta de psicologia social crítica de Sílvia Lane. *Revista Psicologia Política*, 9(18), 223- 236. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v9n18/v9n18a04.pdf>
- Stein, E. J. (2012). *As Ilusões da Transparência: dificuldades com o conceito de mundo da vida*. (2. ed.). Unijuí.
- Schütz, A. (2012). *Fenomenologia e Relações Sociais: textos escolhidos*. Vozes.
- Souza Filho, J. A. (2017). *A metamorfose humana no mundo da vida: reconstruções epistemológicas da perspectiva de identidade na psicologia social crítica* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Ceará. <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/28757>
- Souza Filho, J. A., Lima, A. F., Oliveira, P. R. S. de, & Ciampa, A. da C. (2019). O Mundo da Vida (*Lebenswelt*) enquanto instância de significação: tessituras e delimitações críticas. *Revista De Psicologia*, 10(1), 34 - 42. <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/33627>
- Souza Filho, J. A., & Santos, B. O. (2017). O sintagma identidade-metamorfose-emancipação e sua relação com o construto mundo da vida. *Psicologia & Sociedade*, 29(e170998), 1-7. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29170491>

Data de submissão: 03/10/2020
Primeira decisão editorial: 05/01/2021
Aceite: 21/01/2021